

Nossa Linhagem de Mestres

É o Espaço interior que se torna a fonte primordial e origem da criação. Ele se torna a forma consciente. É o impulso criativo; é a própria Consciência; revela o caminho e o processo criativos; ilumina, espalhando luz por toda parte; conduz à conclusão e à realização. Observe a ordem fundamental do espaço interior. *(Dr. V. Ganapati Sthapati, Who Created God, p. 35-36, citando Brahmarishi Mayan).*

Nossa linhagem remonta a milhares de anos antes mesmo da Civilização do Vale do Indo (8.000 a.C.) até os tempos modernos. Trata-se de uma linhagem autêntica de Rishis e Sábios que reconheceram e comentaram conhecimentos que eram tanto conhecidos quanto desconhecidos antes deles. As contribuições desses Rishis para a **Meditação Reconhecendo o Ser** (SRM) formam a base do nosso ensinamento.

Por exemplo, Maharishi Marichi falava sobre a elevação da energia a partir do nosso Atman quando respiramos, criando uma forma piramidal no topo do Atman. Sem respiração, não há elevação de energia – apenas a forma cúbica do Atman em seu estado satvico repousado. *(Ver Fabric of the Universe, de Dra. Jessie Mercay, disponível na seção de downloads).* Isso valida nossa apresentação do Atman. Ramana Maharishi e outros confirmam a localização do Atman na caverna do coração, sendo ele o assento da Consciência humana. Muitas pessoas pensam que o Atman está na cabeça – no terceiro olho. No entanto, os Rishis dizem o contrário. Rishis mulheres também mencionaram o Atman e outros pontos que dão suporte ao nosso trabalho.

Quando ensinamos esse conhecimento tradicional, é importante compreender as tradições de onde ele se origina. Nossa linhagem oferece o contexto histórico do saber que transmitimos e mostra como esse conhecimento foi desenvolvido ao longo do tempo. Essa linhagem estabelece a base legítima para a forma como apresentamos esse corpo de conhecimento por meio da **Meditação Reconhecendo o Ser** e de outras técnicas que oferecemos.

Embora existam muitos Sábios em nossa linhagem, aqui mencionamos apenas alguns dos grandes nomes da nossa tradição. Brahmarishi Mayan, Adi Shankara, Brahmananda Saraswati e Swami Lakshmanjoo são figuras centrais da nossa linhagem e serão apresentados a seguir. Após essa introdução aos Sábios mais importantes, apresentamos também outros Sábios — incluindo mulheres — que contribuíram ou validaram a base de conhecimento que ensinamos.

Brahmarishi Mayan – Mestre do Mundo Antigo (nascido em Thai Poosam, antes do Vale do Indo)



Brahmarishi Mayan, também conhecido como Mamuni Mayan, Vishwakarma e Mayasura, é uma figura de destaque na história e nos textos antigos da Índia. Em algumas escrituras, ele é chamado de Vishwakarma, nome atribuído ao Criador do Universo segundo o Rig Veda. É reconhecido como o sábio siddha da comunidade dos brâmanes Vishwakarma.

Sua vida e seus ensinamentos foram resgatados pelo saudoso Dr. V. Ganapati Sthapati, de Chennai, Tamil Nadu, Índia. A tradução e os comentários sobre seus textos foram feitos por membros de sua família, Sri Ponni Selvanathan e Sri Gayathri Shanmugavelan. Sem o trabalho de Dr. Sthapati e sua família, os ensinamentos profundos e práticos de Brahmarishi Mayan permaneceriam praticamente desconhecidos, com exceção de sua obra sobre astronomia, o *Surya Siddhanta*.

Embora existam poucos registros sobre os detalhes da sua vida, acredita-se que ele tenha sido um sábio altamente reverenciado e também um arquiteto com grandes contribuições para áreas como espiritualidade, arquitetura, engenharia, fitoterapia, dança, música, literatura, astronomia, hidrologia, escultura, ciências da terra, desenho, pintura e geometria sagrada. Ele é citado em diversos textos védicos. Há indícios significativos de que ele seja representado em quase todos os templos dedicados a Shiva como Dakshinamoorty, o mestre divino, nos santuários voltados para o Sul, direção de sua terra natal, o continente perdido de Kumari, que teria sido submerso por uma grande inundação causada pelo derretimento das calotas polares.

Segundo as tradições, Brahmarishi Mayan demonstrava inteligência e sabedoria excepcionais desde muito jovem. Com o tempo, aprofundou-se no estudo de várias ciências, incluindo matemática, astronomia e ensinamentos espirituais.

Sua principal contribuição está na autoria do texto *Aintiram* e de seu comentário, o *Pranava Veda*. Embora sua obra mais reconhecida seja na arquitetura, ele aplicou sua compreensão sobre a transformação da energia em forma material também à dança, música, poesia, escultura e outras expressões artísticas. Escreveu mais de 32 textos sobre esses e outros temas. É atribuído a ele o projeto e a construção de templos e palácios impressionantes, não apenas pela estrutura, mas também pelo simbolismo espiritual incorporado.

Seus projetos arquitetônicos seguiam princípios específicos de geometria sagrada, alinhando as construções físicas com a harmonia cósmica.

Uma de suas criações mais conhecidas é considerada a cidade mítica de Dwarka, capital do reino de Krishna. Diz-se que Brahmarishi Mayan foi o responsável por projetar e construir essa cidade, incorporando padrões geométricos complexos e simbolismos divinos em sua arquitetura.

É importante observar que há diversos Mayans ao longo da linhagem. Aqui, estamos nos concentrando em um deles em particular, cujos principais escritos temos acesso.

Além de sua atuação na arquitetura, Brahmarishi Mayan também é reconhecido como um grande filósofo e mestre espiritual. Acredita-se que ele tenha se aprofundado nas escrituras antigas, adquirindo um conhecimento profundo sobre a natureza da realidade e o caminho espiritual. Seus ensinamentos destacavam a importância da transformação interior, da autorrealização e da busca pelo despertar espiritual.

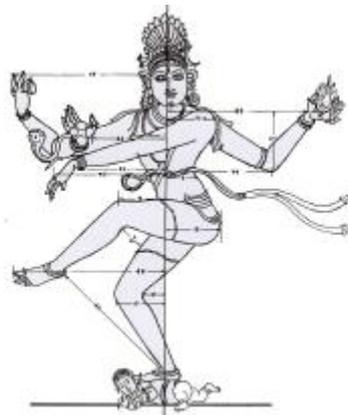
Suas contribuições à geometria sagrada e sua compreensão profunda da relação entre espiritualidade e arquitetura deixaram uma marca duradoura na cultura indiana, sendo estudadas e reverenciadas até hoje.

Sobre a origem de seu conhecimento, Brahmarishi Mayan afirmou o seguinte:

O Ser Supremo é onipresente e a arte excepcional é eterna. A experiência da Consciência do Ser Supremo me levou a adorar a Luz espiritual. As bênçãos do Ser Supremo me ajudaram a visualizar Nataraja, a dança de Shiva (vibração do fio da Consciência chamado Sutra de Brahma). As bênçãos do Ser Supremo me ajudaram a criar essa arte magnífica.

Abaixo está um desenho tradicional da dança de Shiva (Nataraja), apresentado pelo Dr. V. Ganapati Sthapati e sua equipe. Esse desenho é uma representação codificada do processo em que a energia se transforma em matéria e da limitação da Consciência vibrante chamada Espaço.

A arte excepcional é a arte do Ser Supremo enquanto se transforma no mundo material. Esse processo é chamado de *Vastureva Vaastu* – energia se transformando em matéria. Brahmarishi Mayan expressou um processo de revelação semelhante em sua obra *Surya Siddhanta*.



Desvendando os Mistérios das Percepções de Brahmarishi Mayan

Brahmarishi Mayan é conhecido por suas contribuições profundas nos campos da arquitetura, engenharia e sabedoria espiritual. Entre suas obras mais notáveis estão o *Aintiram* e o *Pranava Veda*, dois textos antigos que exploram a geometria sagrada, a cosmologia e a natureza essencial da existência. Esses textos, embora envoltos em mistério, continuam a atrair estudiosos e buscadores de conhecimento até os dias de hoje.

O Aintiram – O Projeto Divino (quase 1000 versos)

O *Aintiram* é um texto sagrado atribuído a Brahmarishi Mayan. Diz-se que ele revela a ordem cósmica subjacente e o projeto divino da existência do mundo material, cuja fonte é o Campo Unificado ou Consciência. O *Aintiram* descreve como a luz e o som emergem do Campo da Consciência como impulsos ou formas de onda, manifestando-se depois como formas visuais e sonoras. Mayan aplicou esse conhecimento à criação de estruturas harmoniosas e espiritualmente elevadas. Entre suas principais contribuições estão:

a. O desenvolvimento da medida rítmica e a formação da Luz OM e do Som OM. A primeira é a causa raiz das formas visuais e a segunda é a causa raiz das formas sonoras.

b. **Geometria Sagrada:** o *Aintiram* investiga a relação profunda entre padrões geométricos rítmicos que surgem do Campo Unificado (Consciência) e os princípios que regem a criação. O texto esclarece a importância de formas geométricas específicas, proporções e relações matemáticas na criação de espaços, pinturas, poesias etc., que estejam em sintonia com a ordem cósmica. O que hoje chamamos de geometria sagrada não representa, de fato, a geometria sagrada descrita por Mayan, pois lida apenas com formas geométricas materiais, sem atenção à matemática por trás delas. A geometria sagrada de Mayan considera padrões que têm origem no Campo da Consciência antes de se manifestarem como formas materiais.

c. **Planejamento Urbano:** o *Aintiram* também inclui princípios de planejamento urbano, enfatizando a importância de alinhar cidades e moradias com os elementos naturais e as energias cósmicas. Ele propõe a criação de cidades que promovam bem-estar, harmonia e desenvolvimento espiritual.

O Pranava Veda – Comentário sobre o Projeto Divino (50.000 versos)

O *Pranava Veda* é outra obra mística associada a Brahmarishi Mayan, com foco na ordem cósmica que gera o surgimento do mundo material dentro do corpo da Consciência, ou Campo Unificado. Veda Vyasa, o compilador do que conhecemos hoje como os Vedas, teria extraído partes desse extenso trabalho de 50 mil versos e integrado aos Vedas que conhecemos. Assim como o *Aintiram*, o *Pranava Veda* aprofunda a compreensão de como som, luz e formas geométricas emergem da Consciência e dão origem à criação material.

Esses dois textos não são apenas registros filosóficos — são guias práticos e científicos sobre como harmonizar estruturas, ritmos e formas com os princípios universais. O conhecimento contido neles orienta práticas como arquitetura, música, poesia, escultura, dança e meditação — tudo com base na mesma lógica: tudo que é construído, ouvido,

sentido ou experimentado pode estar alinhado com a ordem cósmica se for criado em harmonia com os ritmos do Campo da Consciência.

Menciona-se que o *Pranava Veda* foi o primeiro Veda e que existiu em tempos muito antigos. Os Vedas atuais parecem ter sido derivados de partes do *Pranava Veda*. Esse texto aprofunda a importância das vibrações de luz e som e seu papel na criação e na evolução espiritual.

Principais contribuições incluem:

a. **Pranava** – Pranava se refere à atividade primordial na qual todas as formas sonoras e visuais existem. A palavra vem da raiz sânscrita que significa “girar”. Ela descreve um movimento rotacional que transforma a energia potencial da Consciência não-manifestada no mundo material. O texto menciona a Energia Suprema que permeia o universo, sendo essa a essência da Consciência Divina. O *Pranava Veda* explora os aspectos místicos dessa luz e som sagrados e seu poder transformador na expansão da consciência.

b. **Som e Mantra** – O texto destaca o efeito do som como possuidor de qualidades específicas da Consciência e de vibrações cósmicas que ajudam no acesso a estados mais elevados de percepção.

O Surya Siddhanta

Incluído nesse tratado estão os seguintes temas:

- I. O movimento dos planetas
- II. As posições dos planetas
- III. Direção, lugar e tempo
- IV. A lua e os eclipses
- V. O sol e os eclipses
- VI. A projeção dos eclipses
- VII. Conjunções planetárias
- VIII. As estrelas
- IX. Nascer e pôr dos astros
- X. Nascer e pôr da lua
- XI. Certos aspectos negativos do sol e da lua
- XII. Cosmogonia, geografia e dimensões da criação
- XIII. O gnômon
- XIV. O movimento dos céus e a atividade humana

O nome de Mayan aparece no próprio texto como Mayasura. Estudiosos ignoraram sua autoria e seu profundo conhecimento, atribuindo o texto a um astrônomo de época posterior. A compreensão de Mayan sobre o movimento dos planetas e sobre o que os faz mover é profunda. Ele descobriu que aquilo que move os planetas, a própria Consciência, manifesta qualidades específicas à medida que atua no mundo material. Essas qualidades

são ondas vibracionais que provocam o movimento dos planetas. Em outras palavras, os planetas são apenas sinais das qualidades vibratórias da Consciência.

A Consciência sendo expressa no mundo material em determinado tempo e espaço, em vez de ser a causa das qualidades.

A seguir, um resumo de alguns dos princípios apresentados por Brahmarishi Mayan no *Aintiram* e no *Pranava Veda*, que são fundamentais para a base do nosso conhecimento:

1. Nada é criado – tudo é manifestado a partir da Fonte Una.
2. A Fonte de Origem é às vezes chamada de Moolam ou Brahman (Campo Unificado/Campo Quântico).
3. Ela manifesta continuamente para poder saborear e apreciar eternamente sua própria Beleza Suprema. Ou seja, a Fonte de Origem reconheceu sua própria beleza, perfeição e amor por si mesma, e então se manifestou em diferentes formas materiais para experimentar e desfrutar dessa beleza de forma eterna.
4. Essa Fonte de Origem ou centro espiritual é Moolam (que significa fonte), Maiyam (que significa centro) e Pulli (que significa ponto) – o ponto central da Consciência – energia pura.
5. Todos os objetos da natureza são entidades unificadas (formas) de energia e matéria.
6. O espaço livre é o Campo Unificado de energia e matéria e a fonte de todas as formas que vemos no mundo material.
7. Existem dois OMs: OM Luz e OM Som. OM Luz é a fonte de todos os objetos visíveis. OM Som é a fonte de todas as formas sonoras.
8. Todas as formas materiais do universo são formas musicais ou tomaram forma a partir de ritmo ou escala musical.
9. O tempo cria, sustenta e dissolve tudo o que foi criado.
10. A forma manifesta primordial do não-manifesto é o quadrado (padrão de onda primordial).
11. O padrão quadrado primordial é designado como o diagrama da energia corporificada – Vaastu Purusha Mandala.
12. O espaço livre está preenchido com átomos cúbicos de energia. Eles são os blocos de construção da estrutura do universo.
13. O cubo é a morada microscópica chamada Sitravai/Chittrambalam (mini salão, em tâmil).
14. Dentro desse salão (Atman), há um eixo luminoso vertical chamado Brahma Sutra (Olinool).
15. Esse Olinool/Brahma Sutra é o eixo da Consciência, também chamado de Moolathoon/Moolasthambham.
16. Esse eixo da Consciência vibra em uma ordem específica chamada ritmo. Essa é a ordem da natureza.
17. Essa vibração rítmica do eixo da Consciência é a dança de Shiva, o Espaço.
18. O espaço microscópico, em forma cúbica, é chamado de feto, Garbha ou Bindu. Isso é conhecido como Vinkaru em Tâmil.
19. Essa morada microscópica é o repositório de luz e som.
20. O espaço livre é Luz, e a Luz é Moolam ou a fonte do universo e das formas universais. A luz é Brahmin, Atman e Vastu Brahmin – Nun porul em tâmil.

21. A energia corporificada é Vaastu Brahmin/Vaastu Purushan. O espaço contido em um edifício é Prasada Purushan – edifício energizado. O edifício é um organismo vivo, construído com unidades musicais de medida.
22. A arquitetura é a realização suprema da matemática.
23. A matemática está enraizada no dinamismo do Tempo Absoluto.
24. O tempo é a vibração do Espaço.
25. Tempo e Espaço são iguais.
26. O tempo é um dos elementos sutis do Espaço (Akasha).
27. O tempo é o elemento causal de todos os objetos do Universo.
28. A estrutura microcós mica é totalmente idêntica à estrutura macrocós mica.
29. O espaço supremo pulsa a cada momento para se expressar.
30. Através do poder da Consciência interior, aquele que conhece o Vastu deve conhecer os aspectos da luz e do som do OM referentes tanto ao espaço interno quanto ao externo.
31. Aqueles que não percebem o dinamismo criativo do espaço interior não podem conhecer o dinamismo do espaço exterior.

O Legado Espiritual

O *Aintiram* e o *Pranava Veda* de Brahmarishi Mayan vão além de princípios meramente arquitetônicos e cosmológicos. Eles contêm percepções espirituais profundas que orientam buscadores no caminho da autorrealização e da união com o divino.

a. Unidade da Existência: Esses textos enfatizam a interconexão entre todos os seres e a unidade subjacente da existência. Eles apontam para a realização de que certas estruturas externas e o eu interior são reflexos da mesma Consciência Divina. Mayan oferece uma compreensão sobre a iluminação e os fatores que contribuem para a iluminação humana.

b. Evolução Espiritual: O *Aintiram* e o *Pranava Veda* fornecem orientações sobre práticas espirituais que conduzem ao crescimento pessoal e à evolução espiritual. Inspiram indivíduos a buscar verdades mais elevadas e alinhar suas vidas com princípios divinos. Os ensinamentos de Mayan eliminam superstições e ideias distorcidas sobre o desenvolvimento das potencialidades humanas – a iluminação.

Conclusão

O *Aintiram* e o *Pranava Veda* de Brahmarishi Mayan continuam a ser reverenciados como fontes profundas de conhecimento e sabedoria. Eles fazem a ponte entre arquitetura, dança, música, poesia, escultura, cosmologia e Consciência. Suas compreensões oferecem visões sobre a profunda interconexão do universo e o potencial de transformação pessoal.

Esses textos nos convidam a explorar os mistérios mais profundos da existência e nos inspiram a criar espaços que estejam em harmonia com a ordem cósmica e que nutram o espírito humano.

O conhecimento filosófico e espiritual que fundamenta a Meditação Reconhecendo o Ser (SRM™) e outras práticas que oferecemos é baseado, em parte, nas compreensões de Brahmarishi Mayan. Há evidências crescentes de que as percepções de Mayan formaram a base da literatura védica, do Shaivismo da Caxemira, da filosofia do yoga e do Sri Vidya.

Mais informações sobre Brahmarishi Mayan e suas obras podem ser encontradas neste site, no livro disponível para download chamado *Fabric of the Universe*, de Dr. Jessie Mercay.

Adi Shankara: O Grande Filósofo e Líder Espiritual (nascimento indeterminado)



Adi Shankara, também conhecido como Shankaracharya, foi um filósofo, teólogo e líder espiritual altamente influente que viveu na antiga Índia. Alguns estudiosos acreditam que ele nasceu por volta do ano 500 a.C. Outros acreditam que nasceu no século VIII d.C., no sul da Índia (Kerala). Dizem que ele nasceu em uma família de brâmanes Vishwakarma.

Seus ensinamentos e comentários sobre as escrituras do Sanatana Dharma tiveram um impacto profundo na filosofia e espiritualidade indianas. Shankara é celebrado por seus esforços em reviver e unificar diversas seitas dentro do Sanatana Dharma e por estabelecer o Advaita Vedanta como uma escola de pensamento proeminente. Este texto explora sua vida, ensinamentos e legado duradouro.

Adi Shankara nasceu em Kaladi, um pequeno vilarejo no atual estado de Kerala, Índia. No seguinte texto antigo, Shankara menciona que nasceu em uma família do clã Vishwakarma, e não em uma casta brâmane moderna. Sua citação deixa isso claro, apesar de outros brâmanes quererem reivindicar sua origem:

**Acharya Sankaro nama
Twashta putro nasanyasa,
Viprakula gurordiksha,
Visvakarmantu Brahmina**

Desde jovem, Shankara demonstrou inteligência excepcional e uma forte inclinação à espiritualidade. Foi profundamente influenciado por textos antigos e buscava compreender a verdadeira natureza da existência.

Meu nome é Shankaracharya, sou descendente de Twashtar, vim aqui para ensinar aos Vipras o direito de usar o cordão sagrado, sou um brâmane da casta Vishvakarma.
(*Shankaracharya Vijaya*)

A educação inicial de Shankara foi orientada por sua mãe, que o introduziu aos Vedas e outras escrituras sagradas. Reconhecendo sua inteligência excepcional, ela o enviou para estudar com um mestre renomado, Govinda Bhagavatpada, que se tornou seu guru. Sob a tutela de Govinda Bhagavatpada, Shankara dominou os Vedas, os Upanishads e outros textos, adquirindo um conhecimento profundo da filosofia hindu (Sanatana Dharma).

Os ensinamentos de Adi Shankara baseavam-se principalmente no Advaita Vedanta, uma escola de pensamento não dualista. Ele defendia a ideia de que a realidade última, chamada de Brahman, está livre de qualquer dualidade ou multiplicidade. Segundo Shankara, a verdade suprema está em reconhecer a unidade da alma individual (Atman) com Brahman.

Seus comentários sobre textos antigos, como o Bhagavad Gita, os Upanishads e os Brahma Sutras, são considerados obras fundamentais do Advaita Vedanta. Por meio desses comentários, ele ofereceu uma compreensão profunda de conceitos filosóficos complexos, trazendo clareza sobre a natureza da realidade, do Ser e do caminho para a libertação (Moksha).

Uma de suas obras mais notáveis é *Crest Jewel of Discrimination* (A Joia Suprema do Discernimento).

Os ensinamentos de Shankara enfatizavam a importância da autorrealização por meio do conhecimento (Jnana) e da prática da meditação (Dhyana). Ele defendia a renúncia e o desapego dos desejos mundanos, acreditando que a verdadeira felicidade está em transcender o mundo material e reconhecer a própria essência. O desapego, nesse contexto, não significa evitar, mas sim não se deixar dominar pelo desejo. No estado de iluminação, ainda pode haver desejo, mas esse desejo não obscurece a experiência da Presença Suprema. A influência de Adi Shankara na filosofia e espiritualidade indianas não pode ser subestimada. Ele viajou extensivamente por toda a Índia, participando de debates filosóficos, difundindo seus ensinamentos e estabelecendo ordens monásticas (mathas). Os esforços de Shankara foram fundamentais para revitalizar o Sanatana Dharma e unificar diversas seitas. As ordens monásticas fundadas por ele, conhecidas como mathas Shankaracharya, existem até hoje e desempenham um papel significativo na preservação e promoção do Advaita Vedanta. Esses mathas funcionam como centros de aprendizado, onde estudiosos e buscadores estudam as obras de Shankara e praticam a espiritualidade.

O legado de Shankara vai além da Índia, com sua filosofia sendo reconhecida e valorizada mundialmente. Seus ensinamentos influenciaram inúmeros líderes espirituais, filósofos e estudiosos, ultrapassando fronteiras culturais e religiosas. As percepções profundas de Adi Shankara sobre a natureza da realidade e do Ser continuam a inspirar buscadores da verdade e fornecem uma base filosófica sólida para os que seguem o caminho espiritual.

Adi Shankara, grande filósofo e líder espiritual, deixou uma marca indelével na tradição indiana filosofia e espiritualidade. Seus ensinamentos sobre o Advaita Vedanta, enfatizando a natureza não dual da realidade, tiveram um efeito transformador em inúmeras pessoas. Os comentários de Shankara, as ordens monásticas e seus esforços para unificar as seitas religiosas garantiram a preservação e a propagação de sua filosofia ao longo das eras. O legado de Adi Shankara continua a inspirar buscadores em sua jornada espiritual, oferecendo percepções profundas sobre a natureza da existência e o caminho para a autorrealização. Seu trabalho restabeleceu o Sanatana Dharma no subcontinente indiano.

A partir de Sri Shankaracharya, há uma longa linhagem de mestres respeitados, incluindo Trotakacharya, Padmapadacharya, Sureshwaracharya, Hastamalacharya e seus discípulos.

Swami Brahminanda Saraswati e a Tradição de Shankara (dezembro de 1871 – maio de 1953)



Swami Brahminanda Saraswati, conhecido como Guru Dev em alguns círculos, foi um dos muitos Dandi Swamis (monges errantes que fazem parte da tradição de Adi Shankara) que, junto com outros Dandi Swamis, ensinou uma técnica específica de meditação japa chamada *Bhavateet Dhyana* (uma meditação que transcende o pensamento e a emoção). *Japa* é a repetição de um mantra, que pode ser feita em voz alta ou mentalmente.

Nascido em uma família de brâmanes Saryupareen, ele deixou sua casa aos 9 anos em busca de um mestre espiritual. Aos 14, tornou-se discípulo de Swami Krishananda Saraswati. Swami Brahminanda Saraswati passou grande parte da vida meditando em florestas e em uma caverna especial. Aos 34 anos, foi iniciado na ordem dos *Sannyasis*. Em 1941, aos 70 anos, tornou-se o Shankaracharya de Jyotir Math (líder espiritual da Índia na tradição de Shankara). Ele foi a primeira pessoa a ocupar esse cargo em 150 anos.

Antes de se tornar Shankaracharya, Guru Dev instruía os buscadores na prática de *Bhavateet Dhyana* – meditação profunda. Sua instrução começava com uma cerimônia (*puja*) originada de uma tradição ancestral da Índia, feita em gratidão à linhagem de mestres. A *puja* também é realizada em casamentos, inaugurações de prédios, construções, eventos esportivos e muitas outras ocasiões.

Após a *puja*, Guru Dev dava ao iniciado seu mantra pessoal, junto com instruções sobre como utilizá-lo corretamente na meditação transcendental. Ele escolhia mantras específicos para cada pessoa, baseando-se em qualidades individuais. Em seguida, pedia que o iniciado fechasse os olhos e repetisse o mantra por um minuto. Depois, orientava a pensar o mantra mentalmente, sem pronunciá-lo. Após algum tempo, dizia para parar de pensar no mantra. Alguns minutos depois, pedia que o iniciado abrisse lentamente os olhos.

As instruções de Guru Dev incluíam orientações especiais sobre como usar o mantra, como lidar com os pensamentos durante a meditação, como lidar com sensações físicas e outros pontos específicos. Ele orientava o iniciado a ir para casa, meditar e voltar no dia seguinte para compartilhar suas experiências e receber novas instruções.

Às vezes, o iniciado relatava que, durante a meditação, havia perdido o mantra por um tempo. Guru Dev então respondia:

Você aprendeu a transcender o mantra! Excelente! Você transcendeu o mantra, que deseja retornar à Fonte. A melhor coisa que pode acontecer! Quando você percebe que esqueceu o mantra, retome-o suavemente e continue feliz. Essa foi uma meditação muito boa.

Guru Dev, então, pedia ao iniciado que continuasse meditando daquela forma e voltasse no dia seguinte para uma nova verificação. (Trecho de www.paulmason.info — Paul Mason pesquisou e escreveu extensivamente sobre Guru Dev e os Dandi Swamis. *The Life and Teachings of Shankaracharya Swami Brahminanda Saraswati, Shankaracharya of Jyotir Math* é um de seus livros mais bem documentados.)

Segundo o professor Dana Sawyer, que foi iniciado na Índia por centenas de Dandi Swamis, esse método de instrução era — e ainda é — ensinado por muitos Dandi Swamis da mesma maneira. (Verificação apresentada por Paul Mason em www.paulmason.info.) Embora Guru Dev tenha falecido no início dos anos 1950, seu método de ensino continua sendo utilizado por mais de quinhentos Dandi Swamis.

Sri Swami Lakshmanjoo e o Shaivismo da Caxemira (maio de 1907 – setembro de 1991)



Lakshmanjoo nasceu em uma família brâmane caxemira na cidade de Srinagar, Caxemira. Sua formação espiritual começou aos 4 anos. Aos 19, teve uma experiência clara de autorrealização. Logo depois, saiu de casa e estudou no ashram de Sadhamalyun e, posteriormente, com o erudito Maheshwar Razdan. Pouco se sabe sobre sua vida entre 1930 e 1960, exceto que viveu principalmente em reclusão, amadurecendo sua experiência espiritual. Durante esse período, aprofundou-se no conhecimento do Shaivismo da Caxemira e se tornou o único mestre vivo da tradição. Suas palestras profundas foram posteriormente transcritas em livros.

Este universo inteiro é a expansão da sua própria natureza.
— Swami Lakshmanjoo

A literatura do Shaivismo da Caxemira menciona a transcendência e diversas técnicas de meditação. Ela também aborda os estados de consciência e seu desenvolvimento. O foco é dado à experiência direta.

Experiência do divino e realização da verdadeira natureza de si mesmo. O saudoso Swami Lakshmanjoo foi o último mestre vivo do Shaivismo da Caxemira.

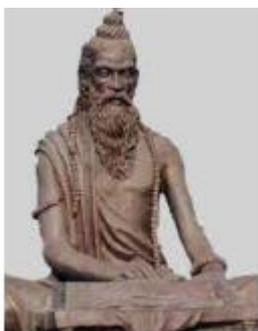
Alguns dos textos importantes do Shaivismo da Caxemira que tratam da transcendência e dos estados de consciência e que influenciaram o nosso trabalho incluem:

1. **Shiva Sutras** – Um dos textos fundamentais do Shaivismo da Caxemira, atribuído ao sábio Vasugupta. Reúne aforismos que delineiam o caminho para a liberação, incluindo práticas para transcender a identidade limitada e se fundir com a Consciência Divina.
2. **Pratyabhijnahrdayam** – Também conhecido como "O Coração do Reconhecimento", esse texto de Kshemaraja explora o conceito de autorreconhecimento (*pratyabhijna*) como meio de transcender o eu limitado e perceber a realidade última.
3. **Vijnana Bhairava Tantra** – Atribuído ao sábio Bhairava, apresenta 112 técnicas de meditação para alcançar a natureza transcendental da Consciência. Entre as práticas estão o foco na respiração, visualizações e contemplação de diversos objetos.
4. **Spanda Karikas** – Composto por Kallata, discípulo de Vasugupta, esse texto desenvolve o conceito de *Spanda*, a pulsação ou vibração da Consciência. Esse conceito é o mesmo que Brahmarishi Mayan descreveu milhares de anos antes do surgimento do Shaivismo da Caxemira. *Spanda* se refere à vibração da Consciência tanto no nível universal (Campo Unificado) quanto no nível individual, dentro do Atman. Essa mesma ideia é descrita por Brahmarishi Mayan como *Brahma Sutra*.

O *Spanda Karikas* explica como, ao reconhecer e se fundir com essa vibração primordial (o *Brahma Sutra*, conforme ensinado por Mayan), é possível transcender as limitações do eu individual. Esse processo de desenvolvimento da Consciência é aprofundado pelas técnicas de meditação que aplicamos.

Esses textos, entre outros, oferecem orientação sobre como transcender a identidade humana limitada e fundir-se com a Consciência divina descrita no Shaivismo da Caxemira. Para mais informações sobre essa tradição ancestral de mestres, acesse: <https://www.lakshmanjooacademy.org/swami-lakshmanjoo/masters/>

Maharishi Patanjali: Autor dos Yoga Sutras



Diz-se que Patanjali é frequentemente considerado o fundador e compilador dos *Yoga Sutras*. A origem do Yoga foi transmitida por tradição oral ao longo de milhares de

anos, desde tempos muito antigos. O Yoga de Patanjali é um dos *darshanas* mais conhecidos da filosofia hindu. Ele sintetizou e organizou o conhecimento sobre o Yoga proveniente de tradições ainda mais antigas. Os *Yoga Sutras* são um dos textos fundamentais da filosofia clássica do Yoga. Maharishi Patanjali também é autor de um comentário sobre o *Ashtadhyayi* de Panini, conhecido como *Mahabhashya*.

Os *Yoga Sutras* contêm 196 sutras em sânscrito, organizados em 4 capítulos. Foram reunidos em algum momento entre 500 a.C. e 200 a.C. Os *Yoga Sutras* de Patanjali também são chamados, às vezes, de *Raja Yoga* ou Yoga Real. Os oito membros do Yoga, conhecidos como *Ashtanga Yoga*, definidos no segundo capítulo, são:

- **Yamas:** orientações sobre como se relacionar com o mundo exterior, em nível social
- **Niyamas:** orientações para a autodisciplina
- **Asana:** refere-se à postura sentada, que deve ser estável e confortável para que o praticante possa meditar por longos períodos
- **Pranayama:** significa controle da energia ou força vital
- **Pratyahara:** processo pelo qual se desenvolve a capacidade de retirar os sentidos de seus objetos, alcançando o domínio completo sobre eles
- **Dharana:** consiste em focar a mente em um único objeto
- **Dhyana:** estado de meditação contínua
- **Samadhi:** estado de união com o divino. Ao meditar profundamente sobre qualquer aspecto do divino, perde-se a consciência do eu e funde-se completamente com aquilo

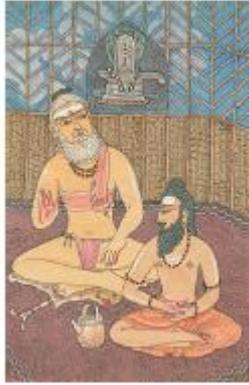
Patanjali define Yoga como a cessação das modificações da mente. Ele também escreveu obras sobre Ayurveda. Ao que tudo indica, Patanjali teve pouca ligação com a vida social, o que explica a escassez de informações sobre sua biografia. O mundo sempre será grato a Patanjali por suas contribuições e por ter legado a tradição do Yoga.

Os *Yoga Sutras* de Patanjali são uma escritura profunda e inspiradora. Ao mesmo tempo, são práticos, acessíveis e aplicáveis a qualquer buscador espiritual. Os *Sutras* mostram um caminho para felicidade e Liberdade. Os *Yoga Sutras* não são apenas uma investigação intelectual, mas um manual para a prática correta do Yoga.

Incorporamos parte dos ensinamentos de Patanjali porque eles expressam aspectos importantes da meditação, como *dharana*, *dhyana* e *samadhi*. Ler os *Yoga Sutras* de Patanjali traz profundidade à jornada espiritual e ajuda a compreender o caminho rumo à iluminação. O trabalho de Patanjali, junto aos de Brahmarishi Mayan, Valmiki, Sri Lakshmanjoo e outros sábios, abre caminhos para entender os níveis mais sutis do desenvolvimento humano. Esses grandes sábios nos mostram como compreender nosso destino humano.

Através da *Meditação Reconhecendo o Ser™*, é possível desenvolver a postura de yoga mais desejada: *Maha Asana©*. *Maha Asana©* significa o grande assento, ou seja, estar assentado no Atman. Parte do método único apresentado pela *Meditação Reconhecendo o Ser™* é justamente a forma de cultivar essa capacidade de permanecer assentado em si, no *Maha Asana©*.

Maharishi Thirumoolar: Iluminando o mundo



Tirumular, também conhecido como Thirumoolar, foi um místico e sábio muito respeitado dentro do Shaivismo Tamil. Ele está entre os 63 Nayanars e os 18 Siddhars, sendo considerado um dos maiores yogis da Índia.

Seu nome de nascimento era Sundara Nathar, nascido em Madurai, no estado de Tamil Nadu. Após receber a bênção de Lord Nandinath, Sundara Nathar deixou o Monte Kailash para visitar seu amigo próximo, o sábio Agastya. Maharishi Agastya vivia nas colinas de Podhigai, Sekkizhar, Pérsia. Durante sua jornada, Sundara visitou templos sagrados de Shiva em Kedarnath, Pashupatinath (Nepal) e Viswanatha (Varanasi).

Uma de suas maiores obras é o *Tirumantiram*, com mais de 3000 versos em tâmil, parte essencial do *Thirumurai* – uma coletânea de 12 volumes de poesias e hinos dedicados ao Senhor Shiva. Esse texto foi escrito nas florestas próximas ao famoso templo Nataraja, em Chidambaram. Seus ensinamentos revelam um conhecimento muito próximo ao de Brahmarishi Mayan. Diversas partes da nossa abordagem podem ser facilmente verificadas a partir de seus escritos.

Maharishi Marichi: O sábio que viu a luz do Atman



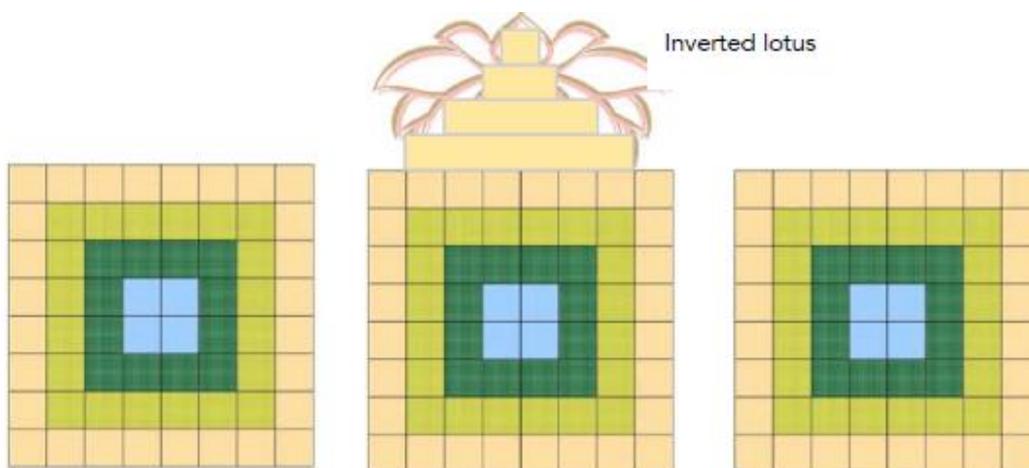
Marichi (cujo nome em sânscrito significa “raio de luz”) é considerado um filho mental de Brahma. Ele é considerado um dos sete grandes sábios exaltados nos Vedas e na literatura hindu. Marichi é mencionado no *Mahabharata*, o que posiciona sua vida e obras há vários milhares de anos. Teve muitos filhos e foi pai do sábio Kashyapa. Maharishi Marichi escreveu a *Marichi Samhita*.

Em sua Samhita, Maharishi Marichi fala sobre o surgimento da energia a partir do nosso Atman quando respiramos. Ele menciona que a respiração cria uma forma piramidal no topo do Atman. Sem a respiração, não há elevação de energia – apenas a forma cúbica do Atman em seu estado sátvico ou estável. (Ver Fabric of the Universe, de Dr. Jessie

Mercay, na seção de downloads). Esse e outros aspectos de seu trabalho confirmam a nossa apresentação do Atman.

O mecanismo de expansão do Atman descrito por Maharishi Marichi é exatamente o mesmo explicado por Brahmarishi Mayan, e é fundamental para a nossa compreensão da mecânica do processo meditativo que oferecemos.

Maharishi Marichi afirma que, durante um momento sem respiração, o Atman está em um estado sátvico estável – um estado de bem-aventurança. Quando inspiramos, a energia do Atman se eleva em etapas sucessivas como um lótus invertido. Ao expirarmos, o Atman colapsa sobre si mesmo e retorna ao estado sátvico (puro) de estabilidade. Os degraus visíveis na figura abaixo são os cinturões de energia em forma cúbica que se vêem na forma átmica. Essa é a forma do Atman percebida por Brahmarishi Mayan e por Rishis como Marichi.



O Atman começa em um estado de equilíbrio, se eleva e depois colapsa sobre si mesmo. Um dos efeitos da Meditação Reconhecendo o Ser SRM™ é que a respiração se torna muito sutil e o Atman permanece em estado sátvico por períodos prolongados. Com o tempo, a respiração se mantém calma por mais tempo mesmo durante o estado de vigília – ou seja, a frequência respiratória diminui e se torna mais sutil. Nesse estado, o Atman infunde bem-aventurança na experiência cotidiana. Esse estado estável provoca um aumento na luminosidade dentro do Atman. Com o tempo, essa luminosidade se espalha pelo corpo, para cima e para baixo, por um canal luminoso chamado Brahma Sutra.

O Brahma Sutra é o fio da Consciência que percorre verticalmente o centro do nosso corpo. Os mantras que escolhemos, junto com a forma de usá-los, fazem com que a mente, o corpo e a respiração se aquietem. O Atman colapsa sobre si mesmo. Então, ao experimentar qualidades de Si mesmo contidas no mantra, o Atman se eleva em êxtase. Esse movimento é uma liberação natural que vem de dentro do Atman ao reconhecer, pela vibração sonora do mantra, suas próprias qualidades. Trata-se de uma terapia sonora interna e autoguiada.

Maharishi Valmiki (período de vida indeterminado)



Maharishi Valmiki é reconhecido como o autor do épico sagrado Ramayana, composto por 24 mil versos. Neste poema épico, Valmiki menciona Brahmarishi Mayan. Ele também é apontado como autor do Yoga Vasistha, um texto que aborda várias questões filosóficas relacionadas ao processo de iluminação. Há versões diferentes sobre o período em que Valmiki viveu. O Ramayana de Valmiki é datado, aproximadamente, entre 500 a.C. e 100 a.C.

A importância de Valmiki não pode ser compreendida plenamente sem a leitura de seus textos. Ele nasceu em uma casta considerada intocável chamada Chuhra (responsáveis por limpeza e varrição), muito antes do termo “Dalit” ser cunhado. Na época de seu nascimento, qualquer pessoa, independentemente da casta, podia receber o título de Maharishi. No Ramayana, Valmiki menciona Brahmarishi Mayan e sua filha Mandodarie.

Ramana Maharishi: o grande sábio do século 20 (dezembro de 1879 – abril de 1950)



Ramana Maharishi nasceu nos arredores de Madurai, no sul da Índia. Desde criança, demonstrava um desejo profundo por uma vida espiritual. Ele foi para a cidade de Thiruvannamalai, em Tamil Nadu, onde meditou no grande templo local. Após algum tempo, saiu do templo e passou por um despertar espiritual — ou seja, teve a realização de que era o próprio Atman.

Depois de um período meditando em uma caverna na montanha sagrada de Thiruvannamalai (Arunachala), Ramana construiu um ashram e um templo especial. Esse templo foi erguido segundo os princípios do Vaastu Shastra e Shilpa Shastra por um membro da nossa linhagem, Sri M. Vaidyanatha Sthapati, com quem ele se tornou muito próximo. Esse Sthapati é pai do nosso Dr. V. Ganapati Sthapati. Vaidyanatha também esculpiu a estátua realista de Sri Ramana que pode ser vista até hoje. Sri Ramana incentivou o jovem Ganapati Sthapati a cursar uma universidade, reforçando nosso elo com ele.

Dr. V. Ganapati Sthapati: maior expoente da Vaastu Vidya (setembro de 1927 – setembro de 2011)



Dr. V. Ganapati Sthapati foi um arquiteto tradicional indiano, cientista, estudioso de sânscrito e Shilpi Guru (mestre de sthapatis, engenheiros e escultores). Seu nascimento marcou o início da restauração dos conhecimentos antigos atribuídos a Brahmarishi Mayan. Sua linhagem conhecida remonta a mais de mil anos, até Kunjaramallan Rajaraja Perunthachan, arquiteto do templo de Thanjavur.

Desde a infância, convivia com arquitetos, engenheiros e escultores, incluindo seu pai, Vaidyanatha Sthapati, um renomado construtor de templos. Após longos dias de trabalho, reuniam-se ao redor da fogueira, onde Dr. Sthapati ouvia histórias, lendas e ensinamentos sobre o grande arquiteto ancestral Brahmarishi Mayan.

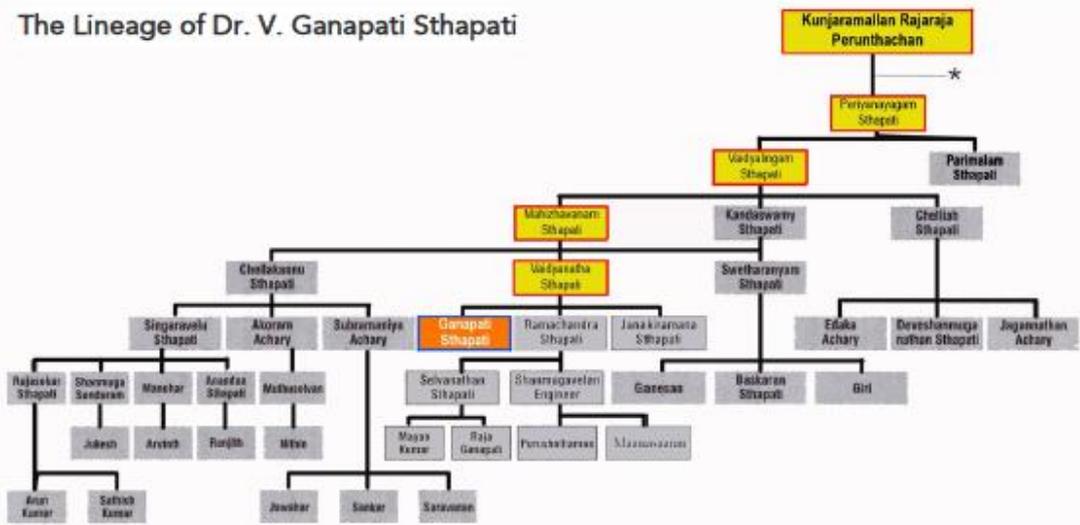
Em uma dessas ocasiões, um poeta tâmil recitou para ele o Aintiram, Pranava Veda e outros textos antigos. Dr. Sthapati reconheceu esses versos como parte dos ensinamentos de Brahmarishi Mayan, os mesmos que ouvira quando criança. Esse encontro foi decisivo para a redescoberta e preservação do Aintiram, do Pranava Veda, do Oli Neri Nool e de muitos outros textos antigos.

Esses textos trazem conhecimentos sobre a manifestação dos mundos, o funcionamento da Consciência, do Espaço, do Tempo, da Luz OM, do Som OM e reúnem até um milhão de versos de sabedoria ancestral cognizada por Mayan. É a partir desses ensinamentos que, no Self Recognition Meditation SRM™, compreendemos o funcionamento dos mantras, da luz, do som e da potência transformadora da meditação.

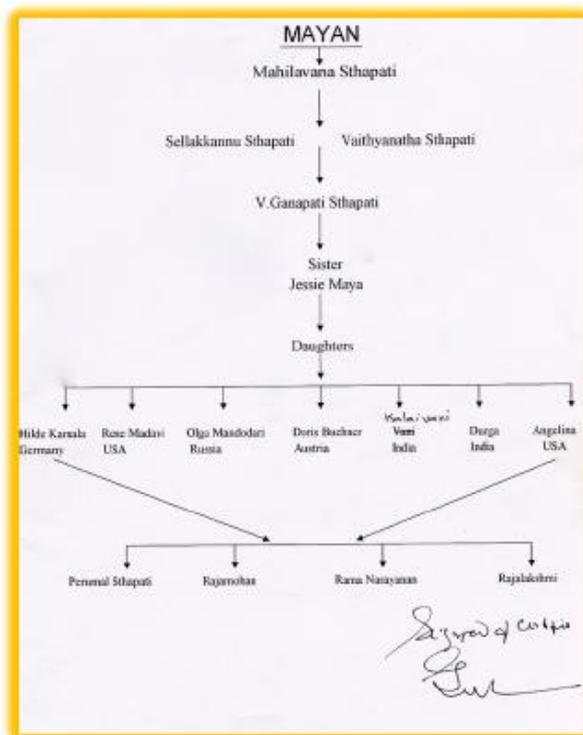
Dr. Sthapati foi um pensador profundo, e é considerado também um Brahmarishi. Sem ele, não teríamos acesso ao vasto corpo de conhecimento que hoje sustenta os fundamentos do SRM™. Foi um autor prolífico e um orador admirável. Parecia, para muitos, ser uma encarnação de Brahmarishi Mayan.

Ele formou seus sobrinhos R. Selvanathan e Er. R. Shanmugavelan, bem como as esposas deles, Ponni Selvanathan e Gayathri Shanmugavelan, na arte e ciência dos Vaastu Shastras e no conhecimento de Mayan. Ponni e Gayathri foram fundamentais na organização e publicação das obras de Dr. Sthapati. Atualmente, continuam a pesquisar, escrever e ensinar. São tradutoras, comentaristas e editoras do Pranava Veda e de diversos outros textos. Podem ser consideradas sábias contemporâneas nessa tradição.

The Lineage of Dr. V. Ganapati Sthapati



A Linhagem de Dr. V. Ganapati Sthapati



Luminaries Active in the propagation of the knowledge of Brahmarishi Mayan

Nephews and nieces:
Sthapati R. Selvanathan
Ponni Selvanathan

Er.R.Shanmugavelan
Gayathri Shanmugavelan

Santhana Krishnan
Krithika Karuppia

Adopted Sister, Senior Student and appointed teacher: Vasthu Ratna,
Dr. Jessie Maya Mercay, compiler of Self Recognition Meditation SRM™

Luminaries ativamente envolvidos na divulgação do conhecimento de Brahmarishi Mayan

Sobrinhos e sobrinhas:

Sthapati R. Selvanathan

Ponni Selvanathan

Er. R. Shanmugavelan

Gayathri Shanmugavelan

Santhana Krishnan

Krithika Karuppia

Irmã adotiva, aluna sênior e professora nomeada:

Vasthu Ratna,

Dra. Jessie Maya Mercay, compiladora da

Meditação Reconhecendo o Ser SRM™

Rishikas – Sábias da Tradição

Ao respeitar e honrar a linhagem da Meditação Reconhecendo o Ser SRM™, é importante reconhecer as contribuições das Rishikas na antiguidade. Elas influenciaram essa forma de meditação por meio da expressão de conhecimento puro e da realização do reconhecimento do Ser – o despertar. A cultura védica reverenciava as mulheres, oferecendo-lhes um alto nível de respeito, liberdade, proteção e segurança. Durante o período do Rigveda, 22 Rishikas escreveram sutras védicos. As datas de nascimento se perderam no tempo, assim como a data exata dos Vedas. (Leia o artigo *Women in Vedic Culture*, de Stephen Knapp, disponível no site Vaisnava Family Resources).

Brahmavadini Maitreyi



Maitreyi foi uma filósofa indiana altamente reverenciada. Dez hinos do Rigveda são atribuídos a ela, nos quais ela explora o conceito de Atman. Também é mencionada em diversos Puranas e considerada uma das mulheres mais sábias e virtuosas da Índia antiga. Ela simboliza as mulheres intelectuais da Índia. Foi uma importante estudiosa e contribuiu para a disseminação do conhecimento. Maitreyi é um exemplo de mulher que, na época védica, teve acesso à educação e, por isso, alcançou grandeza filosófica. Uma instituição leva seu nome em Nova Délhi.

Brahmavadini Gargi Vachaknavi



Na rica tapeçaria da história antiga da Índia, Gargi se destaca como um exemplo de rishika – uma sábia com sabedoria extraordinária e profunda visão espiritual. Ela aparece nas páginas da *Brihadaranyaka Upanishad*, um dos textos mais antigos e respeitados da filosofia hindu. Gargi demonstrava grande capacidade intelectual e uma presença marcante nos campos espiritual e filosófico.

Nascida no período védico, fazia parte de uma linhagem de estudiosos e videntes. Era altamente educada e dotada de profundo entendimento dos Vedas. Sua inteligência era reconhecida por homens e mulheres da época, que buscavam seus conhecimentos e debatiam com ela temas filosóficos profundos.

Um dos episódios mais marcantes de sua vida está na *Brihadaranyaka Upanishad*, durante uma assembleia de sábios e estudiosos. Gargi desafiou, sem hesitar, o renomado sábio Yajnavalkya com uma série de perguntas sobre a natureza da existência, a alma e a realidade última. Suas questões deixaram a assembleia em silêncio, admirada com sua profundidade filosófica.

As contribuições de Gargi vão além de sua participação em debates filosóficos. Ela também é creditada como autora de hinos e versos que expressam sua visão espiritual e devoção. Suas palavras, preservadas nos textos antigos, continuam a inspirar buscadores da verdade e refletem sua profunda compreensão do divino.

A importância de Gargi está não apenas em sua genialidade intelectual, mas também na forma como rompeu com os padrões sociais de sua época. Em uma sociedade patriarcal, onde mulheres eram frequentemente marginalizadas e privadas de acesso à educação e à vida espiritual, Gargi foi um símbolo de liberdade e igualdade. Sua presença ativa nos diálogos intelectuais e espirituais confrontou os preconceitos de gênero predominantes e revelou a sabedoria e o potencial inerentes às mulheres.

O legado de Gargi inspira gerações. Ela representa a ideia de que conhecimento, sabedoria e percepção espiritual não pertencem a um gênero específico. Suas contribuições à filosofia e espiritualidade da Índia antiga reforçam a importância da inclusão e da valorização de diferentes vozes na busca por clareza interior e iluminação.

Gargi Vachaknavi permanece uma figura emblemática cuja lucidez e sensibilidade espiritual ecoam até hoje. Sua coragem ao participar de diálogos profundos, seu domínio dos Vedas e sua dedicação à verdade são exemplos do que é possível alcançar quando se cultiva o desejo genuíno por sabedoria e crescimento espiritual, independentemente do gênero.

A história de Gargi é uma prova da força da sabedoria e da importância de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres – tanto nas culturas antigas quanto na sociedade

contemporânea. Sua presença marcante na Brihadaranyaka Upanishad nos lembra que a busca pela verdade e pelo despertar espiritual não tem fronteiras e que a voz da sabedoria pode surgir de onde menos se espera, ultrapassando convenções sociais e expectativas impostas.

Rainha Chudala



A Rainha Chudala tornou-se mestre espiritual de seu marido, o Rei Sikhidhwaj. Ela alcançou o Brahma Gyan (conhecimento supremo) pouco tempo depois de receber ensinamentos de estudiosos. Sua história é contada com riqueza de detalhes no Yoga Vasistha. Chudala e Sikhidhwaj governavam o reino de Malava. A rainha praticava meditação regularmente durante as horas de silêncio. Com o tempo, realizou a Verdade Absoluta e seu rosto passou a brilhar, tornando-se ainda mais belo. O rei, ao perceber a mudança, perguntou a razão daquele brilho. A rainha respondeu que era fruto da realização do Ser. O rei riu, acreditando que tal realização só poderia ser alcançada por meio de austeridades rigorosas e jamais dentro de um palácio.

Convencido de que precisava se isolar para alcançar a verdade, decidiu abandonar o trono e se retirar para a floresta, buscando iluminação por meio da penitência. A rainha tentou dissuadi-lo, dizendo que ele poderia alcançar o mesmo resultado no palácio, enquanto continuava a governar. Mas o rei insistiu em partir.

Durante sua ausência, Chudala governou o reino. Com compaixão e desejando libertar o marido da ilusão, ela desenvolveu poderes espirituais e assumiu a forma de um sábio chamado Kumbha Muni. Flutuando a poucos metros do chão, apareceu diante do rei. Sikhidhwaj, impressionado, acreditou estar diante de um ser celestial e caiu aos seus pés, compartilhando suas dificuldades e pedindo orientação.

Kumbha Muni ensinou: “As ações trazem frutos conforme a vontade divina, mas por si sós não conduzem à libertação. Ao agir sem apego, a mente se purifica. Com a mente pura, é possível contemplar o Ser. Isso dissolve as vasanas – impressões e desejos antigos. Depois, deve-se buscar um mestre e, com sua orientação, aprender a investigar a natureza do Ser. Só a investigação leva à libertação, não a quantidade de ações praticadas. A renúncia verdadeira é um processo interno.”

O rei respondeu que já havia renunciado ao trono e à família. O sábio então explicou que a renúncia dele era apenas externa – os vínculos internos permaneciam. Sikhidhwaj, tentando se livrar de todos os apegos, lançou ao fogo seu bastão de peregrino, seu kamandalu, as rudrakshas e até suas roupas, ficando sem nada. Ainda assim, foi informado de que não havia renunciado por completo. Determinado, declarou que abriria mão até do corpo, jogando-se de um penhasco.

O Muni então perguntou: “Que mal o corpo fez para merecer isso?” E explicou que destruir o corpo não leva à verdade – o que precisa ser dissolvido é a mente, fonte de todo apego. É a mente que diz ‘eu’, criando a prisão da identidade. Libertar-se desse ‘eu’ é o verdadeiro desapego.

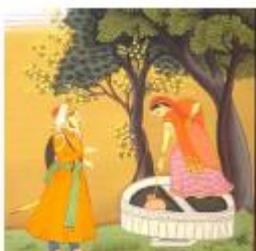
Então o Muni descreveu em detalhes a sadhana (prática espiritual) do discernimento. Com isso, as dúvidas do rei foram dissolvidas e sua mente se tornou pura. Ele investigou a origem do Ser e logo se fundiu com ela, permanecendo em um estado de samadhi (absorção contemplativa) repleto de bem-aventurança.

Kumbha Muni desapareceu e voltou algum tempo depois. O rei ainda estava em samadhi. Chudala rugiu como um leão para despertá-lo, mas não conseguiu. Então, assumindo uma forma sutil, ela entrou no coração do rei e percebeu que estava puro, sem tendências latentes. Em seguida, com uma voz melodiosa, entoou o Sama Veda, e como uma flor de lótus que se abre, o rei recobrou a consciência do mundo ao redor.

Tomado por uma alegria profunda, o rei permaneceu em silêncio, sem saber como expressar sua gratidão. Conforme orientação da rainha, ele voltou com ela ao reino. Estabelecido na Verdade, passou a governar com sabedoria e viveu feliz ao lado da rainha por muitos anos.

Na Meditação Reconhecendo o Ser (SRM™), damos ênfase ao processo de nos estabelecermos na verdade que brota do Atman, e então vivermos a partir disso, atuando no mundo com ações inspiradas.

Princesa Hemalekha



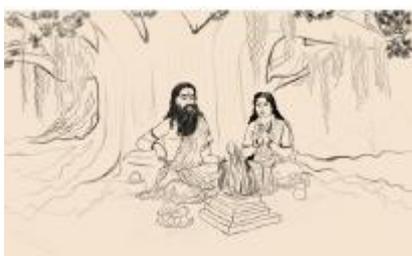
A Princesa Hemalekha (mencionada no Tripura Rahasya) foi mestra espiritual de seu marido, o Príncipe Hemachuda, de sua sogra e de muitas outras pessoas. De forma gentil e paciente, conduziu seu marido e toda a vila ao caminho do Brahma Gyan (conhecimento supremo do Ser).

Hemalekha era uma princesa iluminada que falava de Deus como sua Mãe e explicava ao príncipe as qualidades do divino. O entendimento do Brahma Gyan foi essencial para a expansão da consciência de todos ao seu redor.

A princesa passou dias refletindo sobre a diferença entre o bem e o mal, o que confundiu o príncipe. Então, ela falou sobre o apego ao que consideramos bom ou ruim. Essa reflexão levou Hemachuda a observar seus próprios apegos, o que resultou em sua iluminação, graças ao ensinamento sensível e profundo de sua esposa.

A essência do seu ensinamento era chamada de Tripura Devi, a divindade feminina suprema. Tripura Devi representa o aspecto da shakti, ou energia criadora, da consciência. No programa da Meditação Reconhecendo o Ser, utilizamos essa energia da shakti como parte do caminho para o Brahma Gyan.

Lopamudra



Na vasta tradição da literatura indiana antiga, os Vedas ocupam um lugar central. Esses textos sagrados, compostos há milhares de anos, são fonte rica de conhecimento, filosofia e sabedoria espiritual. Entre as vozes que emergem dessa tradição, destaca-se a de Lopamudra, uma notável rishika (sábia) da era védica.

Ela é frequentemente representada ao lado de seu consorte, o sábio Agastya, a quem auxiliou em sua trajetória espiritual, ajudando-o a integrar sua busca pelo despertar com a vida como chefe de família. Por isso, Lopamudra é uma inspiração para todas as pessoas que desejam viver o despertar interior sem abandonar suas responsabilidades no mundo.

Lopamudra foi poetisa, filósofa e estudiosa, considerada uma das primeiras mulheres poetas da Índia. Seus hinos, presentes no Rigveda, estão entre os mais belos e profundos do texto. Além disso, ficou conhecida por seus ensinamentos sobre amor e devoção, que seguem tocando quem busca sentido na vida até hoje.

Ela teria vivido na época em que o Rigveda foi composto – o mais antigo dos quatro Vedas. Embora a maioria dos hinos tenha sido escrita por sábios homens, o hino de Lopamudra (Rigveda 1.179) é uma rara exceção que revela a potência espiritual e a sensibilidade poética de uma mulher naquela época.

Seu hino é uma expressão intensa de devoção e desejo de união com o divino. Suas palavras revelam um anseio profundo por sabedoria e iluminação, ao mesmo tempo em que demonstram reverência pelo mistério da existência e pelas forças cósmicas que regem o universo.

O que torna Lopamudra ainda mais singular é sua postura de autonomia e escolha. Ela afirma seu direito de trilhar seu próprio caminho espiritual e busca um parceiro que a respeite como igual – alguém que acompanhe e estimule sua jornada interior, em vez de limitá-la aos papéis tradicionais impostos às mulheres.

Sua voz desafia as normas patriarcais da época e defende a igualdade de homens e mulheres no caminho do conhecimento e da espiritualidade. Seu legado nos lembra que a sabedoria não tem gênero e que a busca pelo divino está aberta a todos que a desejam de forma sincera e comprometida.

Mesmo com uma contribuição tão expressiva à herança espiritual e literária da Índia antiga, a presença de Lopamudra ainda é pouco reconhecida fora dos círculos de estudo védico. Ainda assim, sua força segue viva – como exemplo de lucidez, presença e coragem no caminho do despertar.

Lopamudra segue sendo relativamente desconhecida quando comparada a seus pares masculinos. Isso reflete o apagamento histórico das vozes femininas em muitas culturas antigas. No entanto, nos últimos tempos, há um esforço crescente para recuperar e valorizar as contribuições de mulheres como ela, que desafiaram as normas sociais e deixaram um legado que atravessa os séculos.

Seu hino ainda ressoa com pessoas que buscam compreensão e expansão da consciência. Suas palavras atravessam o tempo, lembrando que o impulso por clareza interior é tão antigo quanto a própria humanidade. Ao mergulharmos na sabedoria ancestral, é essencial reconhecer o papel das mulheres que, como Lopamudra, ultrapassaram as limitações impostas por sua época e deixaram sementes para as futuras gerações.

Na Meditação Reconhecendo o Ser (SRM™), cada estudante é alguém que respondeu ao chamado do seu Atman. A forma como Lopamudra se dedicou à meditação e ao conhecimento puro é um exemplo do que cultivamos por aqui.

Apala



Apala foi uma filósofa e estudiosa do período védico, reconhecida por seus hinos no *Rigveda*, especialmente o hino 8.91, de sua autoria. Ela também é lembrada pela descoberta de um novo método de extração do *soma*, planta sagrada usada em rituais védicos, o que transformou a forma como tais cerimônias eram conduzidas.

Em seus versos, Apala escreve:

*O Fogo totalmente aceso, brilhando contra o firmamento,
Voltado para o leste, resplandece ao longe;
Vishwavara caminha em direção ao leste com reverência,
Louva os deuses com oferendas e colher cheia de manteiga...*

Esse trecho nos mostra que, no período védico, as mulheres não apenas participavam ativamente dos rituais espirituais, mas também tinham o direito de fazer oferendas de forma independente – algo que foi perdido com as invasões estrangeiras na Índia.

Vishwavara, citada por Apala, é outra *rishika* (sábia) mencionada no *Rigveda* (hino 5.28). O trecho revela seu estado desperto – o fogo aceso – e sua percepção das vibrações do Atman, chamadas de deuses. O fato de ela estar voltada para o leste simboliza sua conexão com o amanhecer, metáfora para o momento de transição rumo ao contato com o Ser interior.

Essas figuras femininas da tradição védica expressam o poder da experiência direta com o sagrado – e suas vozes seguem vivas, inspirando práticas como a Meditação Reconhecendo o Ser.

Ela e os antigos compreendiam que os deuses eram nomes técnicos para impulsos da Consciência com qualidades específicas e úteis. Não eram vistos como entidades humanas divinas, mas como leis da natureza, qualidades ou operações dentro da natureza que desempenham funções específicas. Podemos pensar nesses "deuses" como conceitos como gravidade, átomos, prótons, nêutrons, etc. Ao adorar essas formas de energia – ou seja, ao aplicar o princípio da física conhecido como Efeito do Observador – suas qualidades se tornam acessíveis à nossa vida. Adorar, aqui, significa direcionar atenção a uma determinada energia, e essa atenção, quando inclui um bija mantra ou som associado àquela forma, potencializa sua presença em nossa experiência. A Meditação Reconhecendo o Ser (SRM™) se baseia, em parte, nesse princípio da atenção. Na física, isso é conhecido como Efeito do Observador (discutido em aulas avançadas).

Romasha

Romasha foi filósofa, poeta e estudiosa do período védico. Era filha de Brihaspati e esposa do rei Swanaya Bhawayabya, que também era considerado um rishi. É conhecida especialmente por suas contribuições ao *Rigveda*, em particular o hino 1.126. Seus ensinamentos sobre a natureza do ser e do universo estão entre os mais profundos da filosofia indiana.

Yami

Yami foi uma pensadora e estudiosa védica, conhecida por suas reflexões sobre moralidade e ética. Seu principal legado está relacionado ao conceito de *dharma* (dever), que ela ajudou a fundamentar. É considerada uma das primeiras vozes a tratar dessa ideia que até hoje tem papel central na cultura e sociedade indianas. Ela é autora do hino 10.10 do *Rigveda*.

Vishwvara

Vishwvara foi uma filósofa védica, autora de diversos hinos no *Atharvaveda*. Sua abordagem sobre a natureza do ser e do universo inspira reflexões profundas até hoje.

Sua voz feminina no contexto das escrituras védicas traz uma perspectiva valiosa sobre consciência e existência.

Ghoshha

Ghoshha foi filósofa, poeta e estudiosa do *Rigveda*, onde escreveu vários hinos. Seus ensinamentos sobre o ser e o universo são considerados marcantes. Os hinos de Ghoshha também oferecem pistas importantes sobre a estrutura social da Índia védica e a presença das mulheres nos rituais e no pensamento espiritual. Ela é autora, entre outros, do hino 10.39.

Sulabha Muni

Sulabha Muni foi uma asceta, filósofa e estudiosa do Período Védico Posterior (século IV a.C. ou anterior). Destacou-se por sua atuação no campo do Yoga e por sua participação em diálogos filosóficos com figuras como o rei Janaka, descritos no *Mahabharata* (livro 12.308). Ela questionou visões misóginas e argumentou a favor da igualdade entre homens e mulheres. Em um de seus ensinamentos, afirmou: “Assim como o fogo surge da combinação do sol, de uma lente de cristal e de galhos secos, os seres nascem da combinação de seus componentes no Atman.” (*Mahabharata* 12.308.125).

Essa afirmação se alinha diretamente ao Processo de Manifestação de Brahmarishi Mayan. Sulabha desconstruiu a ideia de gênero em relação ao Atman, propondo um Eu universal além das definições de masculino e feminino. Ela venceu o debate com Janaka e afirmou que, se ele fosse verdadeiramente iluminado, não faria distinções baseadas em gênero nem a trataria da forma agressiva e desrespeitosa como fez.

Sulabha também trouxe uma contribuição significativa ao apresentar o caminho do eremita ou renunciante como alternativa à vida conjugal. Segundo ela, as mulheres podiam viver de forma independente e alcançar o mais alto conhecimento. Sua visão sobre iluminação transcendia os dualismos ligados ao gênero, tornando-se um estado possível e acessível também às mulheres. (Fonte: *Ancient Women Philosophers: Recovered Ideas and New Perspectives*, ed. Katharine R. O'Reilly e Caterina Pello, cap. 2)

Conclusão

Cada um dos Rishis e Sábios mencionados desempenhou um papel importante na história ao codificar e amplificar o conhecimento puro de origem védica, pré-védica ou não védica. Muitos outros vieram antes. Honramos suas contribuições e seguimos nos inspirando em seus ensinamentos. Suas descobertas e sabedorias confirmam as bases do que hoje é transmitido na Meditação Reconhecendo o Ser (SRM™).

Na próxima página estão os nomes dos antigos membros da linhagem familiar dos Brâmanes Vishwakarma. Todo aquele que nasce como Vishwakarma Brahmin pertence à linhagem de um dos sábios dessa notável árvore genealógica.

Suas contribuições são reconhecidas como algumas das mais importantes nas áreas de arte, ciência, fitoterapia, astronomia, astrologia, medicina, arquitetura e literatura – abrangendo praticamente todos os campos do saber.

A Antiga Tradição Sagrada dos Brâmanes Vishwakarma

Abaixo está representada a árvore genealógica dos Brâmanes Vishwakarma. Nela aparecem sábios renomados como Bhrgu, Parashara (conhecido por seus escritos em Jyotish e Puranas) e Jaimini (referência em ayurveda e astrologia). Alguns sábios importantes não aparecem nessa árvore, como Maharishi Marichi, Maharishi Kashyapa, Agastya, entre outros. As conexões desses grandes nomes com os Vishwakarma Brahmins se perderam com o tempo. Mas aqui, são lembrados e honrados.

